

A QUESTÃO DA “TRANSPARÊNCIA” NA “CARTA XXIII A JÚLIA” DA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU “A NOVA HELOÍSA”

Ms. Fábio Abreu dos Passos (Professor da Unipac/São João Del-Rei.)

Resumo: Em alguns momentos de sua reflexão, Jean-Jacques Rousseau se interessou pela *Questão da Transparência*, vendo-a como um tipo de sentimento que, se não levasse o homem ao seu *Estado de Natureza*, poderia torná-lo melhor em face de sua condição decaída, ha qual ele se encontrava, tal como compreendida por nosso autor. Assim, nesse momento “... a vida social, ‘com seus costumes corrompidos’, foi submetida à crítica”, o que demonstra haver, nesse período da história, uma reflexão sobre a conduta dos homens. Nosso objetivo, nesse artigo, é apresenta as principais características da *Questão da Transparência* na Carta XXIII à Júlia, na obra *A Nova Holoísa* de Jean-Jaques Rousseau e como esta questão pode ser considerada um referencial teórico para se pensar a gênese da corrupção moral do homem em sociedade.

Palavras-chave: Estado de Natureza, Corrupção, Moralidade.

P

ara realizarmos uma análise acerca do pensamento de Rousseau e, em especial, no que tange à *Questão da Transparência*, faz-se necessário, antes de tudo, compreender a temporalidade na qual esse autor está presumindo. Nesse sentido, as reflexões de nosso autor estão fundamentadas no fato de que os acontecimentos ocorridos não se repetem ou não podem ser retomados, o que aponta para o fato de que há, nas análises de Rousseau, a caracterização do tempo linear. Assim, esta temporalidade aberta demonstra que estamos caminhando pelas trilhas do pensamento de nosso autor, mas com a certeza de que não sabemos para “onde”. Portanto, em face da descrição da temporalidade na qual a filosofia política de Rousseau está alicerçada, mesmo que mantivermos diante dos olhos a premissa de que a política caracteriza-se por ser a esfera da contingencialidade, faz-se necessário a existência de um elemento “repetidor”, que surge como marco, como um tempo regulador, ou seja, um ponto de ancoragem, pois sem esse elemento não haveria como se buscar o significado dos acontecimentos, levando, conseqüentemente, a uma impossibilidade de haver uma filosofia política que procura analisar os aspectos causais em face dos acasos.

Em nossos termos, esse elemento “repetidor” se personifica no *Estado de Natureza* e em seu arquétipo mais sublime: “o bom selvagem”. Mas a questão é a seguinte: quando “o bom selvagem” se corrompe, vira o que?... Este questionamento faz com que se ratifique o que acima foi dito, isto é, a certeza de que o pensamento de Rousseau está inscrito em

uma temporalidade aberta, que aponta para o “infinito de possibilidades”, mas que necessita de um marco teórico para vislumbrar e compreender o que há por vir.

Assim, fundamentados a partir do fio condutor da temporalidade aberta e do elemento “repetidor” que estão contidos na obra deste filósofo genebrino, podemos indicar que o objetivo de nosso trabalho é estudar a *Questão da Transparência*, tal como definida por Jean-Jacques Rousseau na obra *A Nova Heloísa* (1761), a partir da análise do movimento de distanciamento de Saint Preux de Júlia, na Carta XXIII A Júlia, que se configurará no primeiro momento de nosso trabalho, ou seja, na descrição da *Viagem do Eu: O Coração Sensível*, levando-nos, em seguida, a descrever a *Ascensão ao “Vale de Cima”* e, posteriormente, à *Crítica ao Sentimento que Corrompe*, o que nos remeterá, conseqüentemente, às análises do movimento pendular que há na obra de Rousseau, principalmente em *A Nova Heloísa*, na oposição entre a razão que pode se enganar e o sentimento que nunca se engana e que dirige o homem.

A Questão da Transparência: A Viagem do Eu O Coração Sensível

O tema que propomos desenvolver nesse nosso trabalho de pesquisa¹, ou seja, a *Questão da Transparência* na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, deve ser compreendido a partir da crítica desse pensador genebrino à “Época das Luzes” pois, para ele, esta “época” não se caracteriza por ser o momento de glória mas, ao contrário, um momento que nos faz compreender, de forma mais nítida, a curva descendente que o homem seguiu, demonstrando que “a sociedade se exteriorizou completamente e o homem perdeu sua vinculação com o mundo interior”.² Assim, apreende-se neste filósofo a existência do mal-estar acerca da civilização das luzes. O que Rousseau está atacando é a civilização e o progresso das ciências e das artes. Sobre isso, diz Reale:

A posição de Rousseau, com efeito, foi uma posição “escandalosa”, porque ele considerava como responsáveis pelos males sociais justamente aquelas letras, artes e ciências nas quais os enciclopedistas viam as causas do progresso. Nascidas dos vícios da arrogância e da

¹ Na consecução deste trabalho de pesquisa, além de utilizarmos as referências bibliográficas pertinentes a este tema, nos servimos também das anotações feitas acerca das aulas ministradas pelo Professor Doutor Newton Bignotto de Souza, na disciplina “Política e Virtude em Jean-Jacques Rousseau”, do curso da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, do programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado e Doutorado).

² REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990 – (Coleção filosofia), p. 768.

soberba, as ciências, as artes e as letras não fizeram progredir a felicidade humana, mas consolidaram os vícios que as provocaram (...)”³

Neste sentido, não há mais na civilização das luzes, como havia no *Estado de Natureza*, a *Transparência*, demonstrando ser a ciência e a virtude incompatíveis. Assim, o progresso é um processo de corrupção da sociedade: “esta passagem, sendo algo não proveniente da Natureza e sim das convenções humanas, ocorrerá como uma espécie de degeneração do homem, um certo distanciamento de si”.⁴ Estamos aumentando o véu da opacidade e não diminuindo-o, pois a civilização é o *telos* da corrupção no processo de decadência. Essa corrupção, que em Rousseau está cravada na sociedade das luzes, terá como contraponto a sinceridade do indivíduo que retira o seu véu no retorno a si mesmo.⁵

Assim, o ponto de partida da reflexão de Rousseau sobre a *Questão da Transparência*, na obra *A Nova Heloísa*, se faz ao se falar da alma, ou seja, do “Eu”: “contentar-me-ei em falar-vos da situação de minha alma: é justo dar-vos conta do uso que se faz daquilo que vos pertence”.⁶

Esta análise é feita a partir da jornada de Saint Preux – que tem como guia uma pessoa que se converte em um amigo, demonstrando, com isso, o valor do sentimento – que se configura como sendo o encontro de alguém, que em nossos termos se configura como sendo Saint Preux, com a “montanha”, revelando ser essa jornada um exercício espiritual de desvelamento, destituída da solidão, pois a viagem ascensional terá como ponto de chegada o encontro com uma sociedade estruturada, e não uma experiência solitária. Sobre isso, salienta Rousseau, a partir das palavras de Saint Preux: “subia lentamente e a pé atalhos bastante rudes, conduzido por um homem que tomara como guia e o qual, durante todo o caminho, encontrei mais um amigo do que um mercenário”.⁷

³ REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990 – (Coleção filosofia), p. 764.

⁴ TONNETTI, Flavio Américo. Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau. http://www.urutaqua.uem.br/005/10fil_tonnetti.ht, p.1. Acesso em 27 de abril de 2006.

⁵ “A ‘volta à natureza’, proclamada por Rousseau como meio capaz de libertar o homem dos males produzidos pelos artificialismos sociais e de reconduzi-lo à bondade original, é entendida por ele como volta ao primitivo sentimento natural. O sentimento natural é um instinto, uma tendência originária que o conduz para o bem; quando não é alterada, afetada ou bloqueada, conserva o homem no bem e no bem permite-lhe progredir” (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 875).

⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 81.

⁷ Idem, p. 81.

Assim, Rousseau realiza nesta Carta o relato da separação de Saint Preux de Júlia, que tem como objetivo a procura do apaziguamento das paixões, a partir do retorno ao “Eu”, propiciado pelo elemento bucólico da natureza, em “lindas paisagens libertadas do véu e devolvidas ao brilho”⁸. Nesse sentido, Rousseau procura demonstrar que a natureza age no homem como um elemento apaziguador das paixões. Sobre isso, salienta Tonnetti:

Repare como o cidadão de Genebra instiga nossos sentidos. Ele recorre a imagens, nos dá movimento. Ele quer nos fazer salivar, quer tocar nossa pele, quer mobilizar nosso coração, quer mover nossa compaixão e quer nossa *pitié* aflorada. Assim – ao atizar a curiosidade do *voyer* – do grande público se fará conhecido e, por de trás das cartas de dois amantes, eis que se revela o escritor do *Contrato* que, engenhoso, faz excelente uso mobilizador dos costumes e da opinião, pois não é simples recursos que usa, mas um duplo: exige as paixões no texto e no gênero.⁹

Esse elemento apaziguador das paixões terá como tarefa principal demonstrar que essa ação apaziguante não pode ser feita pela filosofia, o que inaugura, nessa Carta, a compreensão da oposição entre a razão, que pode se enganar, e o sentimento, que nunca se engana e que dirige o homem. Este exercício espiritual se dá a partir de uma relação entre o homem e a natureza:

Durante a primeira jornada, atribuí aos adornos dessa variedade a calma que sentia renascer em mim. Admirava o domínio que têm sobre nossas mais vivas paixões os seres mais insensíveis e desprezava a filosofia por não poder provocar na alma a mesma coisa que uma série de objetos inanimados.¹⁰

Contudo, essa natureza apaziguadora das paixões não se revela como algo que reteve a sua pureza original, preservada da ação humana; se assim fosse, haveria uma possibilidade de retorno ao *Estado de Natureza*¹¹, no qual o homem não era nem bom nem mau: “nessa condição o homem obedece apenas ao instinto que é infalível”.¹² Assim, nesta natureza que foi tocada pela mão humana encontra-se, conseqüentemente,

⁸ TONNETTI, Flavio Américo. Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau. http://www.urutagua.uem.br/005/10fil_tonnetti.ht, p. 3. Acesso em 27 de abril de 2006.

⁹ Idem, p. 4.

¹⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 82.

¹¹ “Mais do que uma realidade historicamente datável, o estado de natureza é uma hipótese de trabalho que Rousseau formula principalmente escavando dentro de si mesmo e que utiliza para captar tudo o que, de tal riqueza humana, foi obscurecido e reprimido pela efetiva caminhada histórica” (REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990. – (Coleção filosofia), p. 760).

¹² ROUSSEAU apud ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 702.

a presença do próprio homem, demonstrando não haver mais uma natureza perfeitamente intacta: no encontro com a natureza encontra-se o homem social, e não o natural.

Com este passo, percebe-se que existem graus, maiores e menores, de degradação da condição humana, admitindo uma escala entre um extremo e outro e que existem, para as coisas, diferentes medidas, de um melhor a um pior, de um menos a um mais. Assim, *A Viagem do Eu* que procura apaziguar suas paixões e, conseqüentemente, desfazer a opacidade que há nas relações humanas, se faz por intermédio de uma natureza que, ainda que não esteja em sua pureza original, nos apresenta e nos remete a maior naturalidade possível: à inocência e à pureza, onde a degradação é menor, demonstrando haver no mesmo elemento alguma coisa de *corrupção e redenção*.¹³

Não há, portanto, uma naturalização humana, um “retorno” ao “bom selvagem”, mas a procura de realizar a retirada do véu que encobre a transparência de sentimentos, a partir do mergulho do indivíduo em si mesmo: “uma mistura espantosa de natureza selvagem e de natureza cultivada mostrava por toda parte a mão dos homens onde teríamos pensado que eles nunca tivessem penetrado”.¹⁴

A Ascensão ao “Vale de Cima”

A partir das descobertas feitas no início dessa jornada, apreende-se que o exercício espiritual, da busca pela *Transparência*, se faz pela descrição do caminho ascensional, demonstrando haver um abandono da cidade terrestre, corroborando com a idéia de haver no século XVIII e, em nossos termos, no pensamento de Rousseau, o ideal utópico da existência de pequenas comunidades que escapavam à história, ou seja, uma comunidade modelo que serve a casos particulares. Sobre esse tema, nos fala Jean-Jacques Rousseau, nas palavras de Saint Preux:

Parece que, elevando-nos acima da morada dos homens, lá deixamos todos os sentimentos baixos e terrestres e que, à medida em que nos aproximamos das regiões etéreas, a alma adquire alguma coisa de sua inalterável pureza. Lá somos graves sem melancolia, calmos sem indolência, contentes por existir e pensar: todos os desejos por demais vivos atenuam-se, perdem esse aguilhão agudo que os torna dolorosos,

¹³ TONNETTI, Flavio Américo. Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau. http://www.urutaqua.uem.br/005/10fil_tonnetti.ht, p. 3.

¹⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 82.

deixam no fundo do coração apenas uma emoção leve e doce e é assim que um clima feliz utiliza, para a felicidade do homem, as paixões que, alhures, fazem seu tormento.¹⁵

No âmbito da análise de Rousseau sobre a questão da *Transparência*, surge uma crítica ao sistema capitalista inserida no simbolismo do dinheiro, presente e representada no “Vale de Baixo”. Assim, evidencia-se que em Rousseau encontra-se um sinal de arcaísmo na personificação no “Vale de Cima”, que se configura como sendo uma comunidade quase do acaso, como uma dicotomia em relação às “sociedades de máscaras”,¹⁶ demonstrando haver nesse passo uma espécie de meditação, como uma janela para a *Transparência*. Assim, neste ponto, há um traço de utopia no pensamento de Rousseau, ou seja, uma cidade harmoniosa, na qual não há dinheiro, mas somente o sentimento de amizade que se estende aos outros, isso é, a hospitalidade que possui um valor intersubjetivo, diferentemente dos interesses que geram os vícios.

Teria passado todo o tempo de minha viagem apenas no encantamento da paisagem se não tivesse experimentado um ainda mais doce no trato com os habitantes. Encontrareis em minha descrição um rápido creiom de seus costumes, de sua simplicidade, do equilíbrio de suas almas e desta mansa tranqüilidade que os torna felizes, antes pela insenção dos pesares do que pelo gosto pelos prazeres. Mas o que não pude pintar-vos e que não se pode facilmente imaginar é sua humanidade desinteressada e seu zelo hospitaleiro para com todos os estrangeiros que o acaso ou a curiosidade conduzem entre eles.¹⁷

Crítica ao Sentimento que Corrompe

Assim, a partir das análises realizadas anteriormente, percebemos, neste passo, que há uma oposição entre a sociedade capitalista e a sociedade sincera: esta última se caracteriza por ser simples e transparente, pois a riqueza, como operador universal, leva a sociedade à corrupção. Portanto, a idéia da simplicidade original é essencial, pois nela figura aquilo que não se pode retomar, ou seja, o *Estado de Natureza*. Os homens, para

¹⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 83.

¹⁶ Sobre a leitura realizada por Jean-Jacques Rousseau sobre a sociedade, o homem e as constantes dicotomias que marcam a obra desse filósofo, como a questão da opacidade e da transparência, salienta Flavio Américo Tonnetti, citando Salinas: “Ao contrário do homem social, que vive em uma desigualdade mascarada onde a tranqüilidade reinante não passa de um conjunto de miragens e disfarces que vai, por assim dizer, escondendo o inferno da existência social e a predominância do mais completo antagonismo entre os indivíduos’ (Salinas 1997, p.38); o homem natural idealizado por Rousseau vive em si mesmo, na fartura e abundância, e não depende de nada, a não ser de si próprio e de sua força, para manter-se vivo e livre, e é assim, desta maneira, realmente feliz.” (TONNETTI, Flavio Américo. *Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. http://www.urutaqua.uem.br/005/10fil_tonnetti.ht, p. 1)

Rousseau, no *Estado de Natureza*, habitavam com os deuses em cabanas. Nesse sentido, “a natureza é também o sucedâneo da divindade, o arquétipo de toda bondade e felicidade, o critério supremo de valor”¹⁸. Esta imagem é importante para a compreensão da idéia de *Transparência*, cujo atributo é a simplicidade, que será estruturante da sociedade virtuosa. Neste sentido, diz Rousseau, nas palavras de Saint Preux, sobre a contraposição entre o “Baixo Valais” e o “Vale de Cima”:

A princípio, surpreendia-me muito com a oposição desses costumes com os do baixo Valais, onde, na estrada da Itália, extorquem-se com bastante dureza os passageiros, e tinha dificuldade em conciliar, num mesmo povo, maneiras tão diferentes. Um valaisiano explicou-me a razão. No vale, disse-me, os estrangeiros que passam são negociantes e outras pessoas unicamente ocupadas com seu negócio e seu ganho. É justo que nos deixem uma parte de seus lucros e nós os tratamos como tratam os outros, mas aqui, onde nenhum negócio atrai os estrangeiros, temos certeza de que sua viagem é desinteressada; a acolhida que lhes fazemos também o é. São hóspedes que vêm visitar-nos porque amam e nós os recebemos com amizade.¹⁹

Assim, a comunidade do “Vale de Cima” não corresponde a uma sociedade de interesses, que trata os indivíduos de forma recíproca, ou seja, devolvendo o interesse a eles endereçado com um sentimento compatível com esta atitude, tal como vivenciado nas “sociedades de máscaras”, no qual o sentimento de *Transparência* se reveste de uma opacidade intransponível. Assim, no “Vale de Cima”, onde os estrangeiros que ali chegam possuem um sentimento desinteressado, a acolhida que a eles se faz também o é:

Além disso, acrescentou sorrindo, tal hospitalidade não é custosa e poucas pessoas pensam em se aproveitar dela. Ah! Imagino! Respondi-lhe. Que fazer entre um povo que vive por viver, não para ganhar nem para brilhar? Homens felizes e dignos de sê-lo, gosto de pensar que é preciso assemelhar-se a vós de alguma maneira para comprazer-se entre vós.²⁰

A partir dessa análise da hospitalidade desinteressada que há no “Vale de Cima”, Rousseau adentra à idéia de uma possível fusão ente o público e o privado. No limiar de sua reflexão sobre esse tema, nos diz o filósofo genebrino nas palavras de Saint Preux:

¹⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 84.

¹⁸ CASINI *apud* REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990. – (Coleção filosofia), p. 761.

¹⁹ ROUSSEAU, op. Cit., 1994, p.84 e 85.

O que me parecia mais agradável em sua acolhida, era o fato de nela não encontrar o menor vestígio de constrangimento nem para eles nem para mim. Viviam em sua casa como se eu lá não estivesse e só dependia de mim nela estar como se estivesse sozinho.²¹

Contudo, é necessário salientar que a fusão entre o público e o privado na filosofia de Rousseau possui uma característica utópica, sem lugar definido, se tentarmos compreendê-la como uma análise descritiva da realidade política, pois, para esse autor, há uma diferença entre esses dois domínios, demonstrando que uma vida não pode subsumir a outra. Porém, devemos compreender que o objetivo deste passo utópico na filosofia de Rousseau está encerrado na tentativa de fomentar uma vida social menos pautada na existência do véu da superficialidade das “sociedades de máscaras”, pois os homens são opacos em suas relações e não transparentes. Assim, o uso de modelos contrapostos, caracterizados como utopias, servem como ideais reguladores para combater a atualidade, para mensurá-la, que, em nossos termos, serve para mostrar que os homens deveriam, em suas relações, ser como os do “Vale de Cima”, que “agem entre si com a mesma simplicidade: as crianças na idade da razão são iguais a seus pais, os criados sentam à mesa com seus patrões, a mesma liberdade reina nas casas e na república, e a família é a imagem do Estado”.²²

Considerações finais

O objeto da Carta XXIII é uma comunidade, em oposição a uma comunidade “não ideal”. No caminho da viagem, da busca pela *Transparência*, há uma interação do homem com a natureza, demonstrando haver no pensamento de Rousseau uma busca do equilíbrio do homem. Assim, percebemos haver na Carta XXIII a busca por esse equilíbrio do homem, que se faz a partir da interação do Eu, da natureza e do homem, em contrapartida aos interesses particulares que geram os vícios, o que fica evidenciado no sentimento de hospitalidade que demonstra uma simplicidade com características rústicas.

A Carta XXIII da *Nova Heloísa* relata uma viagem ascensional à “Comunidade de Cima”, cuja a característica principal é a sinceridade, o que nos leva a compreender que em Rousseau há uma antropologia pela busca da *Transparência*, demonstrando que o

²⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 85.

²¹ Idem, ibidem.

²² Idem, ibidem.

obstáculo, no pensamento de Rousseau, se caracteriza como sendo algo que pode ser recuperado e reformulado na história do próprio homem.

A noção de *Transparência* na obra de Rousseau, principalmente na Carta XXIII, mostra que a harmonização entre a ordem pública e os interesses particulares é o ideal para este filósofo, cuja dificuldade é passar deste ponto para a realidade. Assim, há uma tentativa de migrar a *Transparência* da vida individual (consciência) para a vida pública.

Todos os sentimentos honestos alimentados na juventude como os do amor preencheriam um dia seu imenso vazio; praticamos, no seio deste feliz povo, e seguindo seu exemplo, todos os deveres da humanidade: unir-nos-íamos sem cessar para agir bem e não morreríamos sem termos vivido.²³

Contudo, entrando em si mesmo, o homem não se depara com uma realidade não contaminada, mas um ser modificado, assim como não se deparou, em sua jornada ascensional, com uma natureza virginal, mas com uma realidade que continha aspectos que demonstravam já ter havido um contato com o homem. É neste sentido que deparamos com a necessidade de uma reformulação que parta do interior do homem e que o coloque em harmonia com o seu ser. Sobre isso, nos diz Reale:

Assim, é necessário operar uma nova sutura entre o interior e o exterior, para frear aquele movimento dissolutório ou dissipar aquelas vãs aparências que os homens seguem, combatendo-se e oprimindo-se uns aos outros. Com tal objetivo, é preciso que nos apoiemos no potencial de bondade que existe no homem, mas em estado virtual e não manifesto, para assim reconstruir o mundo social em uma harmonização total e constante das duas vertentes, sem fraturas nem conflitos. Em suma, seria preciso recuperar o sentido da virtude, entendida como constante transparência e interreção entre interior e exterior.²⁴

Portanto, evidencia-se que o ideal de Rousseau é a superação da superficialidade do luxo das “sociedades de máscaras”, na busca da simplicidade, através da difícil conciliação entre sentimento e razão, que são eixos fundamentais da obra *A Nova Heloísa*. Assim, demonstra-se que a ação restauradora do homem decaído necessita ser operada a partir dessa nova ordem, ou seja, do estado no qual o homem se encontra em sociedade, para que, mergulhado e transbordado de si, o homem possa realizar a passagem da “mudez da opacidade” para a “epifania da transparência”, fazendo com que

²³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 88.

²⁴ REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990 – (Coleção filosofia), p. 768.

as almas abram-se umas às outras, em um ato de confiança.²⁵ Sobre isso, nos diz Starobinski:

Os privilégios da pureza e da inocência encontram-se reconquistados em consequência da confiança absoluta que abre as almas umas às outras. A alienação total pela qual os seres se oferecem e se tornam mutuamente visíveis lhes restitui finalmente o direito de existir como pessoas autônomas e livres; a partir daí, não sofrem solidão nem servidão; sua existência pessoal é justificada e sustentada pelo reconhecimento de outrem, fundada em uma benevolência unânime.²⁶

Assim, há na filosofia política de Jean-Jacques Rousseau uma análise da passagem do homem natural para o homem social, tentando apontar para um possível findar do movimento contrário à degeneração do homem, procurando, assim, “vencer o obstáculo e restaurar a transparência”. Portanto, o veneno é transformado em antídoto e a decadência em resgate.²⁷

Referências Bibliográficas:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant* / Giovanni Reale, Dario Antiseri; – São Paulo: Paulus, 1990. – (Coleção filosofia)
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Trad. Flávia N. L. Moretto. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- TONNETTI, Flavio Américo. *Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. http://www.urutagua.uem.br//005/10fil_tonnetti.ht

²⁵ TONNETTI, Flavio Américo. *Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. http://www.urutagua.uem.br//005/10fil_tonnetti.ht, Acesso em 27 de abril de 2006.

²⁶ STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p 103.

²⁷ TONNETTI, Flavio Américo. *Espetacularização: a decadência e o resgate – Notas sobre a Filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. http://www.urutagua.uem.br//005/10fil_tonnetti.ht, p. 4.